

Resenha

Rubbo, Deni. *O labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

ISBN 9786587233543

Entre leitores e leituras: a circulação internacional de José Carlos Mariátegui

Matheus de Carvalho Barros*

A obra do revolucionário peruano José Carlos Mariátegui não é apenas um marco teórico na tradição marxista, mas também um pilar fundamental na conformação do que poderíamos chamar de “pensamento crítico latino-americano”. O jornalista nascido em 1894, na cidade de Moqueguá (sul do Peru), é considerado o primeiro autor a desenvolver uma reflexão original sobre a realidade da América Latina com base no materialismo histórico. Ainda que não seja possível em termos cronológicos dizer que o *Amauta*¹ seja o primeiro marxista do continente, Mariátegui é visto por inúmeros analistas como o mais original e criativo marxista do “Novo Mundo”, e o fundador de um marxismo autenticamente latino-americano.

Apesar do pioneirismo e de existir um número expressivo de pesquisadores interessados na obra de José Carlos Mariátegui, o revolucionário peruano permanece pouco conhecido nas ciências sociais. Esse é justamente um dos debates nos quais podemos inserir o livro intitulado *O labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina*, de autoria de Deni Ireneu Alfaro Rubbo.

Lançado em 2021, pela editora Autonomia Literária, o livro é uma versão modificada da tese de doutorado do autor, defendida em 2018, na Universidade de São Paulo (USP). Como bem destaca o historiador peruano Ricardo Portocarrero na orelha do livro, a obra de Deni Rubbo é a expressão de um momento fundamental nos estudos sobre a vida e a obra de José Carlos Mariátegui – o chamado “giro mariateguiano”. No livro, podemos percorrer o complexo e sinuoso percurso que a obra do jornalista marxista realizou pelo nosso continente.

Nesse sentido, o objetivo central de Rubbo em seu mais novo livro é analisar a recepção de José Carlos Mariátegui nas ciências sociais latino-americanas. O professor e pesquisador da UEMS delineou a difusão e as apropriações das ideias mariateguianas no conjunto da história intelectual das ciências sociais neste continente, inclusive no

* Doutorando em sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). E-mail: carvalho_barros@id.uff.br.

¹ Forma pela qual Mariátegui passou a ser referenciado especialmente após a sua morte. Na cultura incaica a palavra “Amauta” significa o homem sábio, consciente de si e do mundo (ESCORSIM, 2006).

Brasil, analisando a influência do marxista peruano sobre alguns autores como Florestan Fernandes e Michael Löwy. Sendo assim, a pesquisa empreendida por Deni Rubbo se configura como a primeira tentativa sistemática de reconstruir, de forma minuciosa, a história das múltiplas leituras e interpretações da obra do comunista peruano.

O trabalho realizado por Deni Rubbo está ancorado em uma rigorosa pesquisa teórica e documental que mobilizou desde uma série de entrevistas com intelectuais, militantes e editores ligados ao legado mariateguiano, até consultas de acervos públicos e arquivos particulares em diferentes países. Entre os locais, bibliotecas e acervos consultados por Deni destacam-se a Casa Museo José Carlos Mariátegui em Lima, a Bibliothèque Nationale de France (BNF) em Paris e a Casa de las Américas em Havana. No Brasil, Rubbo utilizou-se de arquivos situados no Fundo Florestan Fernandes (FFF) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), além do Memorial Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UNB) e do Centro de documentação e memória (Cedem) da Unesp.

A investigação de Deni Rubbo parte das seguintes indagações: “como, para quem e em quais condições interpretaram Mariátegui?” (Rubbo, 2021, p. 42). A hipótese que estrutura o livro é que o notável empreendimento editorial levado a cabo pelos familiares do jornalista peruano no final dos anos 1950 – com a publicação das *Ediciones Populares de las Obras completas* –, assim como os contextos sociopolíticos e culturais vividos no Peru e na América Latina como um todo, construíram um terreno propício para a circulação das ideias de Mariátegui pelo continente. Consideramos que o empreendimento metodológico de Rubbo a partir de suas hipóteses se configura como um dos pontos fortes de sua pesquisa. O autor concebe que a história da apropriação da obra de José Carlos Mariátegui não pode estar dissociada das conjunturas políticas, sociais, culturais e econômicas nas quais seus receptores estavam inseridos.

O labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina está dividido em três partes com seis capítulos ao todo. A primeira parte do livro (“Imagens heterogêneas: difusão do pensamento mariateguiano na América Latina e Europa”) comporta dois capítulos. No primeiro capítulo, Deni Rubbo apresenta o processo de organização e difusão das obras de Mariátegui.

Nesse contexto, Rubbo destaca a recepção do comunista peruano por dois intelectuais latino-americanos fundamentais para o legado mariateguiano. O primeiro é o sociólogo peruano Aníbal Quijano, personagem importantíssimo na difusão de Mariátegui, sobretudo através do Prólogo de *Siete Ensaíos* editado pela biblioteca Ayacucho e publicado em 1979. O segundo intelectual analisado no capítulo é o argentino José Aricó. Em meados dos anos 1970, em seu exílio no México, Aricó realiza novas leituras sobre as especificidades da questão nacional e o marxismo de Mariátegui, construindo inclusive uma aproximação inovadora entre o pensamento do jornalista peruano e o pensamento do comunista italiano Antônio Gramsci. Com essa aproximação, o intelectual argentino contribuiu inclusive para a internacionalização dos estudos sobre Mariátegui, que se iniciaram na Europa nos anos 1960, com destaque para Robert Paris e Antonio Melis.

Rubbo (2021) destaca que a introdução de Quijano aos *Sete ensaios* de 1979 e a coletânea *Mariátegui e las orígenes del marxismo latinoamericano* organizada por José Aricó e publicada em 1980, se configuram como dois empreendimentos de impacto continental na difusão das ideias do *Amauta*. Através da análise da especificidade do

marxismo de Mariátegui, Quijano e Aricó são fundamentais para a consolidação da imagem “heterodoxa” do jornalista peruano.

No segundo capítulo da primeira parte do livro, Rubbo (2021) busca demonstrar como o chamado “estudo decoloniais” da América Latina, sobretudo o famoso Grupo Modernidade/Colonialidade, em seu combate ao pensamento eurocêntrico, utilizou as ideias de Mariátegui como uma importante ferramenta crítica. Nesse contexto, é inevitável que o autor volte suas atenções mais uma vez para Aníbal Quijano, devido à importância que o sociólogo peruano adquiriu neste campo específico.

Deni Rubbo (2021) argumenta que a partir do momento que a produção intelectual de Quijano passa a se concentrar em temas sobre identidade e modernidade latino-americana, o sociólogo peruano realiza um verdadeiro redescobrimto da obra mariateguiana, levado a público por meio de prólogos, congressos e intervenções em jornais e revistas. Desta forma, Quijano acaba estabelecendo uma caracterização “filosófica e epistemológica do legado mariateguiano, visto como arsenal da crítica eurocêntrica, em vista de legitimá-lo como uma referência teórica fundamental da colonialidade do poder” (Rubbo, 2021, p. 55).

Apesar de outros autores contribuírem para o estabelecimento de uma imagem heterodoxa de Mariátegui, como por exemplo, José Aricó, Alberto Flores Galindo e Michael Löwy, provavelmente Aníbal Quijano seja o autor mais importante em firmar o caráter herético do comunista peruano.

O arsenal mariateguiano passa a ser explorado cada vez mais através de suas críticas ao evolucionismo, à ideologia do progresso linear e ao mecanicismo característicos do stalinismo e das teorias da modernização. Nesse processo, Mariátegui é consolidado como um autor que, com base em um uso crítico e criativo do materialismo histórico, construiu uma crítica dialética da modernidade a partir da periferia. Neste contexto, consideramos que essa ótica específica sobre o legado de Mariátegui se configura, inclusive, como uma contribuição fundamental para redescobrir a obra e o legado do próprio Marx. Um Marx marginal, que estava interessado pelas sociedades não-ocidentais em seus últimos anos de vida, e que concebia a dominação colonial como parte constituinte da modernidade.

Assim como a primeira parte, a segunda parte do livro (“As aventuras de Mariátegui no Brasil: contexto e trajetória de uma recepção tardia”) está dividida em dois capítulos. No primeiro deles, Rubbo (2021) empreende uma reconstrução sócio-histórica da relação entre Brasil e a América Latina no campo da institucionalização das ciências sociais. A partir desta reconstrução, o professor da UESM rastreia os indícios e registros de leitura de Mariátegui por parte de intelectuais brasileiros, numa tentativa de fazer, nas palavras do autor, uma espécie de “arqueologia intelectual”.

Na esteira desse processo, o autor faz uma interessante discussão sobre a circulação e difusão das ideias do comunista peruano entre os cientistas sociais brasileiros exilados no Chile durante as décadas de 1960 e 1970, com a intenção de traçar possíveis aproximações entre as formulações teóricas de Mariátegui e os autores da chamada “teoria marxista da dependência”.

A terceira e última parte do livro (“Leitores e leituras de Mariátegui: Florestan Fernandes e Michael Löwy”) também está estruturada em dois capítulos. No primeiro deles, Deni Rubbo faz um levantamento das principais ocorrências da obra do comunista peruano nos textos, intervenções públicas e entrevistas de Florestan Fernandes,

considerado um dos pioneiros e precursores na difusão da obra do Amauta no Brasil. Através de sua consulta aos arquivos do “Fundo Florestan Fernandes” na Universidade de São Carlos, Rubbo faz uma instigante análise dos inúmeros grifos, anotações e questionamentos que estavam inscritos nos livros do revolucionário peruano que Florestan tinha disponíveis em sua biblioteca particular.

Logo após fazer essa incursão nos rascunhos de Fernandes, Rubbo traça linhas de convergências de modelos de análises entre *A Revolução Burguesa no Brasil* (Fernandes, 2020) e os *Sete Ensaios* (Mariátegui, 1975). É possível argumentar que o sociólogo paulistano enxergava nos textos de Mariátegui uma inspiração e uma ferramenta teórica para a construção de um socialismo oxigenado, criativo, flexível e original. Além disso, o pensamento do marxista peruano foi uma referência fundamental para que Florestan Fernandes construísse o conceito de capitalismo dependente e analisasse o processo singular da revolução burguesa no Brasil.

No último capítulo do livro, Deni Rubbo nos apresenta a leitura de Michael Löwy sobre Mariátegui. Para tal empreitada, o autor do livro explora elementos da trajetória do sociólogo franco-brasileiro, desde sua militância política até a consolidação de sua carreira acadêmica. Rubbo destaca que o esforço teórico e político de Löwy estava aliado, sobretudo, na “atualização da teoria do desenvolvimento desigual e combinado e da revolução permanente” (Rubbo, 2021, p. 56).

Com forte reverberação na América Latina, os ensaios de Michael Löwy sobre o pensamento de Mariátegui circulam de forma intensa na maioria das investigações acadêmicas e partidárias sobre o tema do “marxismo latino-americano”. Em alguns de seus textos, como por exemplo, o notável *Nem decalque e nem cópia: o marxismo romântico de José Carlos Mariátegui* (Löwy, 2011) o sociólogo comunista trabalha com a hipótese de que o pensamento do jornalista peruano pertenceria à corrente marxista *romântico-revolucionária*, caracterizada sobretudo por um antidogmatismo e antipositivismo, se constituindo, desta forma, como uma crítica marxista da modernidade capitalista.

Concorde-se ou não com as suas proposições, a verdade é que o sociólogo franco-brasileiro cumpre uma função essencial de difusor da obra mariateguiana no Brasil e no mundo. Como bem ressalta Deni Rubbo (2021), muitos das novas gerações de leitores brasileiros tomam contato pela primeira vez com a obra do revolucionário peruano através das lentes de Michael Löwy.

Isto posto, o livro de Rubbo se configura como o primeiro estudo sistemático sobre a recepção da obra de José Carlos Mariátegui nas ciências sociais latino-americanas. Mesmo sabendo que não é o fulcro sua pesquisa, acreditamos que teria sido interessante também se debruçar um pouco mais sobre as reverberações do pensamento mariateguiano sobre movimentos sociais como o Movimento Zapatista no México e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) no Brasil, de forma a visualizarmos mais sistematicamente como o pensamento de Mariátegui está vivo em determinadas organizações e lutas políticas contemporâneas. Entretanto, ao desbravar uma história ainda pouco conhecida sobre o pensamento social latino-americano, o livro de Deni serve como um estímulo a todos aqueles que desejam compreender e, sobretudo, transformar os “labirintos” de “Nuestra América”.

Desta forma, a pioneira pesquisa de Deni Rubbo faz com que seu mais novo livro, *O labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina*, já desponte

como um verdadeiro marco nos estudos mariateguianos. Ao nos fazer redescobrir Mariátegui através das lentes dos seus difusores e intérpretes, Rubbo convida seus leitores a viajar por um importante episódio na história das ciências sociais e do marxismo latino-americano.

Referências

- ARICÓ, José. “Introdución”. In: ARICÓ, José. (org.) *Mariátegui e las origenes del marxismo latino-americano*. México: Ediciones Pasado y Presente; Siglo Veintiuno Editores, 1980.
- ESCORSIM, Leila. *Mariátegui – vida e obra*. São Paulo: Expressão popular, 2006.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- LÖWY, Michael. *Nem decalque, nem cópia: o marxismo romântico de José Carlos Mariátegui*. In: LÖWY, Michael. *Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete Ensaio de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa Ômega, 1975.
- MAZZEO, Miguel. “Epílogo”. In: RUBBO, Deni Alfaro. *O labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- QUIANO, Aníbal. “Prólogo”. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.
- RUBBO, Deni Alfaro. *O labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

Recebido em 12 de janeiro de 2022

Aprovado em 12 de julho de 2023